

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD
7 e 18 de Dezembro de 2023

NOT WANTED / 1949

um filme de ELMER CLIFT, IDA LUPINO

Realização: Elmer Clift, Ida Lupino (não creditada) *Argumento:* Paul Jarrico, Ida Lupino *a partir de uma história de Paul Jarrico e Malvin Wald* *Fotografia:* Henry Freulich *Som:* Victor B. Appel, Arthur B. Smith *Montagem:* William H. Ziegler *Música:* Leith Stevens *Direcção artística:* Charles D. Hall *Cenografia:* Murray Waite *Guarda-roupa:* Jerry Bos *Caracterização:* Dave Grayson *Assistente de realização:* Maurice Vaccarino *Interpretação:* Sally Forrest (Sally Kelton), Keefe Brasselle (Drew Baxter), Leo Penn (Steve Ryan), Dorothy Adams (Mrs. Aggie Kelton), Wheaton Chambers (Mr. Kelton), Rita Lupino (Joan), Audrey Farr (Nancy), Carole Donne (Jane), etc.

Produção: Emerald Productions Inc. (Estados Unidos, 1949) *Produtores:* Ida Lupino, Anson Bond, Collier Young (*supervisão*) *Cópia:* Blu ray, preto e branco, 91 minutos, legendada electronicamente em português *Estreia Mundial:* 24 de Junho de 1949 *Inédito comercialmente em Portugal* *Primeira exibição na Cinemateca:* 29 de Outubro de 2019 (“Ida Lupino – Uma Mulher em Terreno Perigoso”).

É o título zero da filmografia de Ida Lupino realizadora. Do final da década seguinte ao início do trabalho de actriz de Lupino, NOT WANTED é exclusivamente creditado a Elmer Clifton (1890-1949), o realizador veterano que Lupino e Collier Young foram buscar para dirigir o primeiro título da produtora que haviam fundado em 1948. Quando Clifton sofreu um fatal revés de saúde, Lupino assumiu o comando da realização, tomando em mãos um projecto que já tinha a sua marca como co-argumentista e produtora. O seu nome é o primeiro do genérico, *Ida Lupino introduces*, mas o papel como realizadora de NOT WANTED é elidido, *Directed by Elmer Clifton*. Oficialmente, o título um da realizadora é, do mesmo ano, NEVER FEAR também conhecido por THE YOUNG LOVERS.

A Emerald Productions (1949), que daria lugar à The Filmmakers (1950-1953), era um projecto da dupla formada pelo então casal Lupino-Young com o propósito declarado da produção de filmes de orçamento modesto, do trabalho com novos actores, da atenção a dar a assuntos marginais à produção de Hollywood (“how America lives”), a que Ida Lupino se entregou com um raro espírito de independência e determinação. De facto, percorrido “em terreno perigoso”, o combativo caminho do cinema de Ida Lupino respondeu a uma constatação simples: o do interesse que sentiu em *fazer* cinema e fazê-lo *à sua* maneira. Evocando o “caso Lupino”, dos seus filmes, da The Filmmakers, do quadro geral da história que protagonizou realizadora-actriz-argumentista-produtora no cinema americano dos anos clássicos, escrevi na “folha” de THE BIGAMIST que Ida Lupino é um caso sério na história de Hollywood, em que afirmou uma personalidade criativa, curiosa, corajosa, pronta para desafios de contornos originais na produção e na realização, a que se lançou na viragem das décadas de 1940 e 50 sem abandonar o trabalho de actriz que manteve, no cinema e na televisão, até finais dos anos 1970. Improvável nos pressupostos, poderosa nos resultados.

Auto-roubo, ao texto de THE BIGAMIST este parágrafo: [...] “Entediada de morte nos tempos de espera das rodagens quando outra pessoa parecia fazer o trabalho interessante”, Ida Lupino quis fazer cinema. E fez, afirmando mais tarde a influência de William Wellman e de Raoul Walsh no seu trabalho

de cineasta, mas insistindo na importância de encontrar um estilo próprio. Do caso sério de Lupino em Hollywood faz parte o facto de os filmes que realizou serem obras de improbabilidade nesse tempo e nesse espaço. A cineasta tinha alguma razão quando mais tarde lembrou, “Suponho que fôssemos a Nova Vaga da altura”. O plural refere-se à The Filmakers que tinha por orientação a produção de filmes de baixo orçamento, uma equipa base que rodava de funções, o trabalho com novos actores, o tratamento de assuntos excluídos da “produção A” inspirados na realidade contemporânea de casos verídicos. Ida Lupino desdobrou-se numa conseqüente versatilidade, produzindo, escrevendo, realizando uma série de filmes que atestam como o espírito da The Filmakers se confundia com o dela. E que permitem defender que é aqui que se encontra a marca mais intensamente combativa e inovadora da sua vida no cinema. Rematados em 1966 por THE TROUBLE WITH ANGELS, foram cinco os filmes realizados no anterior período The Filmakers: este NOT WANTED, em que uma rapariga sofre um abalo de maternidade, e NEVER FEAR, protagonizado por uma dançarina afectada pela poliomielite; OUTRAGE (1950), que se detém na violência surda de uma história de violação, seguindo a rapariga vítima de “ofensa criminal”; HARD, FAST AND BEAUTIFUL (1951), de bastidores desportivos no feminino; THE HITCH-HIKER (1953), um *road movie noir* concentrado em três personagens masculinas; THE BIGAMIST, dificilmente categorizável em termos de género, o único dos filmes que realizou em que também foi actriz e o único directamente distribuído pela The Filmakers. De motivos dramáticos, personagens a braços com dilemas íntimos, destroçadas, acossadas socialmente, são filmes de assinalável sobriedade. A sua complexidade intrínseca traduz-se num domínio de mise-en-scène simultaneamente seca, elegante, apurada, cujo estado de graça se encontra porventura em OUTRAGE e THE HITCH-HIKER.

Já Elmer Clifton, recorde-se – e voltamos a NOT WANTED –, fora actor de Griffith em THE BIRTH OF A NATION e INTOLERANCE (1915/16) e seu colaborador, por exemplo em WAY DOWN EAST (1920). Passara à realização em 1917, e assinou os seus mais importantes trabalhos nos anos 10 e 20 do século XX, encontrando depois um lugar na produção dita de série B de Hollywood, com a qual NOT WANTED não deixa de alinhar. Rodado nos estúdios da Universal, o filme segue a história da rapariga interpretada pela estreante Sally Forrest (que Lupino volta a dirigir em NEVER FEAR e HARD, FAST AND BEAUTIFUL e surge por exemplo em WHILE THE CITY SLEEPS de Fritz Lang). É uma entrada magnífica, no longo plano de abertura que a fixa a subir o passeio deserto da rua íngreme da cidade de olhar vago e fixo, mãos nos bolsos do casaco largo, passos de autómato, vinda do fundo do quadro para se deter à beira da câmara. Sem corte, do plano geral ao grande plano, capta-se a perturbação do rosto ausente antes de ouvirmos o choro do bebé, logo visto no primeiro contracampo do filme. Esta primeira sequência, de assinalável economia narrativa, apresenta a jovem personagem, o seu tumulto interior, introduz o fulcro narrativo, desemboca na prisão onde, entre grades, Sally põe em marcha o *flashback* que compõe a maior parte de NOT WANTED, dissolvendo a imagem da cela na do passado da rapariga longe dali. “Dear god, how did I get here?”

Em tributo às pessoas e instituições que acompanhavam casos idênticos na vida real, o cartão inicial já advertira que “esta história é contada cem vezes todos os anos”, remetendo para a inspiração na realidade que está na base do projecto de produção. Não são precisos mais do que três minutos e meio da sequência inicial para perceber a história em causa. O filme não pôde chamar-se “Unwed mother” – Hollywood seria sempre Hollywood –, mas é do caminho de mãe solteira de Sally que trata, uma jovem mãe solteira à mercê da solidão em que se encontra, não obstante a bondade dos estranhos. O drama parte de premissas comuns, a rapariga ingénua que se apaixona por um homem com quem se relaciona sexualmente com falsas expectativas de romance e que se sabe grávida já depois de se saber

sozinha, mas é na tangente realista que se constrói, também como um retrato quotidiano das pessoas comuns na América do pós-guerra. É bastante visível na primeira sequência de Sally na casa de família, no curso do diálogo que mantém com a mãe na cozinha ou quando, mais tarde, se desentende com ela a propósito da nudez ou recato dos ombros. A questão geracional e, a esta ligada, a questão de género, é transparentemente posta em cena. Quando foge da família, Sally pretende emancipar-se. Quando bate à porta do músico de jazz com quem julga estar a viver uma história de amor, leva com ela na cara. A emancipação da personagem começa aí, não a poupando ao drama interior a que será submetida.

Se tema e recursos estilísticos não houvesse para reconhecer a marca Lupino, havia uma recorrência a assinalar: o gosto pelas travessias, estrada, e mais concretamente ainda viagens de camioneta. É um pormenor, é verdade, mas acontece pelo menos às personagens de *OUTRAGE, THE BIGAMIST* (na variante excursão turística a mansões de Hollywood), *THE TROUBLE WITH ANGELS*. Não falando do surpreendente *THE HITCH-HIKER*, que é outra coisa, contrariando o protagonismo feminino dos demais. Em *NOT WANTED*, a fuga de Sally à família faz-se de camioneta e é noutra que a personagem volta a embarcar para regressar à estrada e aprofundar os quilómetros que a separam da vida que deixa para trás. É aí que a rodilha que nos é apresentada como companheiro fortuito de viagem trava conversa com ela no banco do lado depois de acordar estremunhado. Um rapaz moreno e magro, afável, sorridente.

De todas as personagens, Drew é a mais estimável na forma como se comporta com Sally, de quem gosta e a quem aceita sem fazer muitas perguntas e sem deixar de fazer a pergunta que implica um pedido de casamento já o filme vai avançado. O jovem gasoleiro é também um ferido de guerra, coxeia. O seu “trauma” é visível, por desdramatizado que seja até ao desfecho que o põe a correr atrás da rapariga que só parece querer fugir-lhe numa memorável sequência, depois de concluído o movimento narrativo em *flashback*. É uma última sequência poderosa, em que mesmo que se veja um *happy end*, este tem o travo amargo do que ficou contado, implicando a separação para a vida de uma mãe e do seu filho, que têm direito a uma “conversa” no filme, o monólogo da rapariga com o bebé recém-nascido na cama de hospital pouco depois do parto. Mas há mais em subtileza, no sentido em que o *happy end* que permite que Sally e Drew fiquem juntos num beijo também destila toda a cruzeza da união deles, duas personagens magoadas na carne e no espírito.

Maria João Madeira